

MERCADO DE TRABALHO

Enviar currículos ou procurar agências já não são as únicas formas de buscar uma colocação. Pedir ajuda a deputados e até usar cartazes em semáforos fazem parte do dia-a-dia de 260,3 mil desempregados do DF

Árdua rotina atrás de emprego

LAURO RUTKOWSKI

DA EQUIPE DO CORREIO

Cartazes nos semáforos. Envio de currículos para sites de colocação profissional. Pedidos de ajuda a deputados. Preenchimento de cadastros em agências públicas e privadas de empregos. Na disputa por uma colocação no difícil mercado de trabalho do Distrito Federal, os desempregados atacam em todas as frentes. A maioria das tentativas resulta em fracasso, afinal, há muito mais gente procurando trabalho do que vagas disponíveis no mercado local. Em fevereiro havia 260,3 mil desempregados, o equivalente a 22,5% das pessoas em condições de trabalhar, segundo a mais recente pesquisa de emprego e desemprego.

Depois de buscar a ajuda de amigos e parentes, os trabalhadores traçam estratégias próprias para sair da crise. Irinaldo Abadio Maia, de 38 anos, está há dois meses pedindo emprego em um semáforo próximo ao Palácio do Buriti. Em um cartaz, ele se oferece para lavar carros e roupas, mas sua área de atuação é bem diferente. "Sempre trabalhei como cozinheiro ou garçom. Na atual situação, trabalho de pintor, cuido de chácara, faço qualquer coisa", diz.

Alguns motoristas se comovem com o apelo de Maia e lhe entregam moedas. Ao final do dia, o desempregado contabiliza entre R\$ 15 e R\$ 20. Pai de três filhos adolescentes, ele paga R\$ 60 de aluguel em Águas Lindas (GO), mas tem passado os últimos dias acampado próximo ao Clube do Choro. Lembra que passou um ano e oito meses empregado na cozinha de um clube de Brasília, um período de estabilidade que ficou para trás.

A empregada doméstica Maria do Socorro Martins, de 39 anos, preferiu entregar as cartas de recomendações dos ex-patrões juntamente com currículos em uma agência privada de empregos no Plano Piloto. Após 14 entrevistas com possíveis empregadores, ainda não conseguiu uma boa colocação. "Fiz

algumas faxinas como diarista. E só. Acho que tem milhões de mulheres disputando o mesmo lugar que eu quero", lamenta.

Moradora do Recanto das Emas, ela sonha em sair do cômodo alugado por R\$ 70 e levar os quatro filhos para uma casa própria. Na próxima terça-feira ela tem outra entrevista. As agências privadas cobram entre R\$ 50 e R\$ 100 dos empregadores na contratação de cadastrados e oferecem garantia de até três meses: se o patrão não gostar da empregada durante esse período, a agência manda outras candidatas ao emprego sem cobrar nada.

Ajuda do estado

Ariolino Santos Ferreira, de 26 anos, procura emprego há seis meses, mas utilizou outra estratégia para conseguir trabalho: cadastrou-se na Agência Pública de Emprego e Cidadania (Apec) de Taguatinga. Na quarta-feira passada, quase conseguiu uma colocação. Ele foi indicado pela Apec para um emprego em um restaurante no Brasília Shopping. Ao chegar lá, a vaga já havia sido preenchida por outro candidato, também indicado pela Apec. "Vou tentar de novo", diz ele. Ferreira esperou 180 dias pela indicação — tempo bem inferior à média da última pesquisa de emprego e desemprego (469 dias).

A rede de 15 Apecs é dona do maior cadastro de desempregados do Distrito Federal: são 760 mil inscrições — cerca de 385 mil pessoas, já que a maioria dos trabalhadores se candidata a mais de uma ocupação. O governo do Distrito Federal quer transformá-la na principal fornecedora de mão-de-obra. Atualmente, os indicados pela agência preenchem 54% das vagas abertas pelas empresas. As demais são ocupadas por pessoas selecionadas pelo próprio departamento de recursos humanos das empresas ou, no caso dos pequenos estabelecimentos, contratadas diretamente pelos próprios donos.

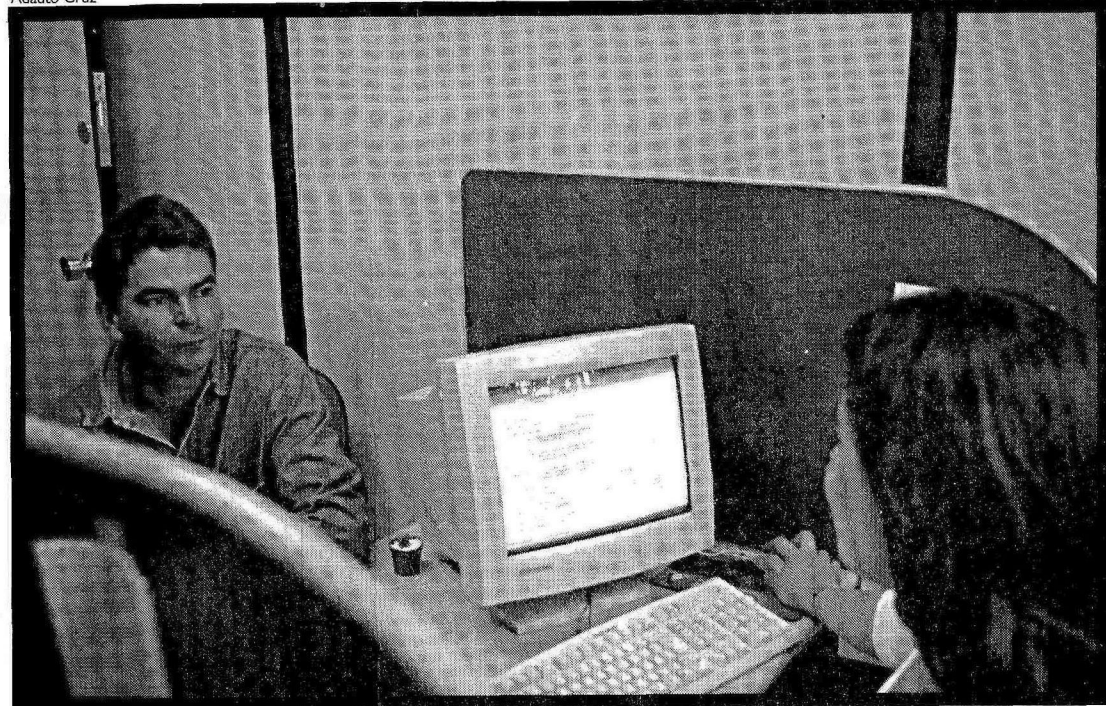
No ano passado, a taxa de sucesso da rede de Apecs era

Ronaldo de Oliveira



ARIOLINO FERREIRA, QUE APOSTA SUAS FICHAS NO CADASTRO DA AGÊNCIA PÚBLICA DE EMPREGO E CIDADANIA: BANCO DE DADOS COM 385 MIL DESEMPREGADOS

Adauto Cruz



CLEUDALDO SILVA, HÁ TRÊS ANOS DESEMPREGADO: "AINDA BEM QUE MORAMOS EM CASA PRÓPRIA"

menor: chegava a 36%. Atualmente, 700 pessoas conseguem emprego por mês, período em que são efetuados 24 mil atendimentos. No ano passado, a média de sucesso era de 400 em um total de 22 mil atendimentos. "Estamos atualizando nosso cadastro e visitando as empresas para que nos procurem mais no momento em que as vagas surgirem", diz o diretor de Atendimento ao Trabalhador e Empregador, Naum

dos Santos. Todos os serviços da Apec são gratuitos.

Na internet

Iranildo Maia, Ariolino Ferreira e Maria do Socorro fazem parte do contingente de 232,4 mil desempregados que não conseguiram chegar à universidade. Mas a falta de trabalho não é um drama apenas de quem não teve oportunidades de obter um diploma de graduação. A goiana Viviane Cristina Borges

Ferreira, de 27 anos, é um exemplo. Ela enfrentou dezenas de entrevistas de seleção para conseguir uma colocação. Depois de espalhar currículos em centenas de empresas sem sucesso, decidiu incluir seus dados em um site na internet. Resultado: em dez meses, conseguiu quatro empregos, todos obtidos via internet. Ela é graduada em análise de sistemas e hoje trabalha na área de auditoria de uma empresa de alimentos.

www.quanticarh.com.br

• Planos de Remuneração
• Carreira
• Avaliação de Desempenho
• Treinamentos

FONE:

(61) 3037-5757